

Artes

Doação ao MAC enriquece acervo da pintura brasileira

Antônio Zago

Neste Natal, São Paulo recebeu um presente que teria deixado Londres, Paris, Nova York, ou qualquer outra cidade civilizada do mundo extremamente feliz: uma coleção de 453 obras de arte, pertencente ao psicanalista, poeta e crítico de arte Theon Spanudis. A coleção foi doada ao Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, localizado no último andar do Pavilhão da Bienal — Parque Ibirapuera — e poderá ser visitada gratuitamente até o início de março de 1980. Trata-se de uma doação extremamente importante do ponto de vista cultural; um gesto inédito pelo fato de seu doador não ser um industrial, e sim um intelectual.

O que mais impressiona na coleção é sua beleza e coerência. Uma coerência formal difícil de se conseguir em pequenas mostras, quanto mais em uma coleção deste porte. Mas isso se explica pelo fato de seu proprietário sempre ter sido um colecionador apaixonado. Não daqueles que fazem investimentos ou que querem um quadro de cada artista famoso. Não. Ele é dos que se apaixonam pela obra de um artista e quer possuir o máximo dos seus quadros. O crítico de arte Sir Herbert Read disse na introdução do livro *Arte e Alienação* que "o papel do poeta como parteira da pintura tem sido exemplificado em nosso meado de século por Guillaume Apollinaire e André Breton. Estes são críticos verdadeiros, os críticos que interessam ao artista porque simpatizam e encorajam, eletrizam e lutam". Este é o caso de Theon Spanudis. Ele tem lutado com todas as suas armas

Com a doação que acaba de receber de uma coleção de 453 obras de pintura, o Museu de Arte Contemporânea, da Universidade de São Paulo, pode oferecer ao público um acervo que contém uma mostra muito expressiva da qualidade da arte brasileira a partir das primeiras manifestações modernas.

(principalmente a sensibilidade e a intuição) em favor dos pintores construtivistas brasileiros. É por isso que sua bela coleção — hoje pertencente ao povo de São Paulo — sempre privilegiou os construtivistas. E ele explica por quê:

"Primeiro porque isso existe; segundo por possuírem uma característica absolutamente própria, diferente do construtivismo europeu, que é muito mais frio, mais racional, mais construtivo. O construtivismo brasileiro, iniciado por Tarsila do Amaral, tem elementos figurativos, culmina no uruguaio J. Torrès Garcia, vira depois um construtivismo abstrato em Arnaldo Ferrari, Rubem Valentim e mesmo Milton Dacosta da última fase; depois, esse construtivismo se torna abstrato e geométrico, de um geometrismo mágico, cheio de mensagens ocultas e misteriosas, e de vibrações emotivas. Isso me fascinou. E foi por isso que eu colecionei todos eles, e continuo a colecionar, por tratar-se de algo extremamente original que se afirmou no Brasil".

Segundo Spanudis, "Anita Malfatti, por exemplo, foi uma expressionista excepcional durante o curto período de três anos. Acontece que o expressionismo existiu na Europa e em toda parte. Por outro lado, o construtivismo brasileiro é único no mundo inteiro, só surgiu neste

País. Rubem Valentim é único no mundo. Valdeir Maciel é único, Jandyra Waters é única. Você não vai encontrar nos Estados Unidos ou Europa nada parecido com o construtivismo brasileiro. Daí, o meu grande amor pelos construtivistas brasileiros. Eles estão dando a maior contribuição que o Brasil poderia dar (uma contribuição original) à arte mundial".

Theon Spanudis começou sua coleção com Alfredo Volpi, cuja obra em pleno desenvolvimento para a bidimensionalidade (*Casas de Itanhaém*) ele comprou na Primeira Bienal de São Paulo (1951). A partir de então colecionou Volpi sistematicamente, isso em uma época em que ninguém ligava para o pintor, nem a crítica, nem o público. Os antigos apreciadores de Volpi, os que adoravam os lirismos cromáticos das suas marinhas, ficaram apavorados com o seu construtivismo (fachadas de casas bidimensionais). Consideravam Volpi um "perdido". Ele foi o primeiro e único naquele tempo a valorizar essa sua nova fase.

Quem for ao MAC poderá ver os Volpis comprados diretamente do ateliê do artista entre 1951 e 1953. Trata-se de uma fase mágica, diabólica, com brincos infantis, fachadas, e o carnaval com a sua inversão de valores. Existe até uma

raridade: uma tela totalmente inacabada, apenas com o esboço (*Fachada de Igrejas*). Paralelamente, Theon Spanudis colecionou o figurativo primitivo José Antonio da Silva, "cujo magismo telúrico e cósmico me encantou, primeiro na Galeria Domous da rua Vieira de Carvalho, onde eu morava naquele tempo, mais tarde viajando para São José do Rio Preto, comprando diretamente do pintor".

Esta é uma outra característica pessoal do colecionador: para conseguir a nata da produção de um artista que ama, geralmente faz amizade com o pintor e passa a visitá-lo sistematicamente. Isso lhe dá a oportunidade de freqüentar livremente o ateliê, podendo assim exercer um certo controle sobre sua produção, adquirindo os melhores quadros. Foi assim com Volpi, José Antonio da Silva, Arnaldo Ferrari, Valdeir Maciel e Jandyra Waters. Compra tudo que o emociona e encanta, se os preços forem acessíveis. Por exemplo, jamais conseguiu comprar um Bonadei da última década da sua vida.

Foi assim que sua coleção incorporou algumas obras-primas de José Antonio da Silva que também podem ser vistas no Ibirapuera. *Retrato da Minha Família*, *Auto-retrato de 1955* e *Paisagem com Melancia* são obras absolutamente geniais em sua inventividade e humor (a *Paisagem* possui um toque levemente absurdo, o que lhe dá força e originalidade).

No final da década de 50, o colecionador descobriu no Salão Paulista de Arte



Algodão, 1950. José Eduardo da Silva.